

# Allan Kardec

Fundador do Espiritismo

## O EVANGELHO segundo o ESPIRITISMO

A explicação das máximas morais de Cristo  
em concordância com o Espiritismo

Nova edição  
revista, com  
melhor leitura

Em português atual

  
nascente

# ÍNDICE

Prefácio . . . . .	15
Introdução . . . . .	17
CAPÍTULO I: NÃO VIM DESTRUIR A LEI. . . . .	43
As três revelações:	
Moisés . . . . .	43
Cristo . . . . .	44
Espiritismo. . . . .	45
Aliança da Ciência e da Religião. . . . .	46
Instruções dos Espíritos:	
A nova era . . . . .	48
CAPÍTULO II: O MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO . . . . .	53
A vida futura . . . . .	53
A realeza de Jesus . . . . .	55
O ponto de vista . . . . .	55
Instruções dos Espíritos:	
Uma realeza terrestre . . . . .	58
CAPÍTULO III: HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI . . . . .	61
Diferentes estados da alma na erraticidade . . . . .	61
Diferentes categorias de mundos habitados . . . . .	62
Destinação da Terra. Causas das misérias humanas . . . . .	63
Instruções dos Espíritos:	
Mundos inferiores e mundos superiores . . . . .	64
Mundos de expiações e de provas . . . . .	67
Mundos regeneradores. . . . .	68
Progressão dos mundos . . . . .	70

CAPÍTULO IV: NINGUÉM PODERÁ VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO . . . . .	71
Ressurreição e reencarnação . . . . .	72
A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe . . . . .	77
Instruções dos Espíritos:	
Limites da encarnação . . . . .	80
Necessidade da encarnação . . . . .	81
CAPÍTULO V: BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS . . . . .	85
Justiça das aflições . . . . .	85
Causas atuais das aflições . . . . .	86
Causas anteriores das aflições . . . . .	88
Esquecimento do passado . . . . .	91
Motivos de resignação . . . . .	92
O suicídio e a loucura . . . . .	94
Instruções dos Espíritos:	
Bem e mal sofrer . . . . .	96
O mal e o remédio . . . . .	97
A felicidade não é deste mundo . . . . .	99
Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras . . . . .	100
Se fosse um homem de bem, teria morrido . . . . .	102
Os tormentos voluntários . . . . .	103
A desgraça real . . . . .	104
A melancolia . . . . .	105
Provas voluntárias. O verdadeiro cilício . . . . .	106
Dever-se-á pôr termo às provas do próximo? . . . . .	107
Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura? . . . . .	109
Sacrifício da própria vida . . . . .	110
Proveito dos sofrimentos para outrem . . . . .	110
CAPÍTULO VI: O CRISTO CONSOLADOR . . . . .	113
O jugo leve . . . . .	113
Consolador prometido . . . . .	113
Instruções dos Espíritos:	
Advento do Espírito de Verdade . . . . .	115
CAPÍTULO VII: BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO . . . . .	119
O que se deve entender por «pobres de espírito» . . . . .	119
Aquele que se eleva será rebaixado . . . . .	120

Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes . . . . .	123
Instruções dos Espíritos:	
O orgulho e a humildade . . . . .	124
Missão do homem inteligente na Terra. . . . .	130
CAPÍTULO VIII: BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM PURO	
O CORAÇÃO . . . . .	131
Simplicidade e pureza de coração . . . . .	131
Pecado por pensamentos. Adultério . . . . .	133
Verdadeira pureza. Mãos não lavadas. . . . .	134
Escândalos. Se a vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a. . . . .	136
Instruções dos Espíritos:	
Deixai que venham a mim as criancinhas. . . . .	138
Bem-aventurados os que têm fechados os olhos . . . . .	140
CAPÍTULO IX: BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO BRANDOS	
E PACÍFICOS . . . . .	143
Injúrias e violências . . . . .	143
Instruções dos Espíritos:	
A afabilidade e a doçura. . . . .	144
A paciência . . . . .	145
Obediência e resignação. . . . .	146
A cólera . . . . .	147
CAPÍTULO X: BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS. . . . .	
Perdoai, para que Deus vos perdoe. . . . .	149
Reconciliação com os adversários. . . . .	150
O sacrifício mais agradável a Deus . . . . .	151
O argueiro e a trave no olho. . . . .	152
Não julgueis, para não serdes julgados. Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado . . . . .	153
Instruções dos Espíritos:	
Perdão das ofensas. . . . .	154
A indulgência . . . . .	157
É permitido repreender os outros, notar as imperfeições de outrem, divulgar o mal de outrem? . . . . .	159
CAPÍTULO XI: AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO. . . . .	
O mandamento maior. Fazemos aos outros o que queiramos que os outros nos façam. Parábola dos Credores e dos Devedores . . . . .	161
Dai a César o que é de César . . . . .	163

Instruções dos Espíritos:	
A lei de amor . . . . .	164
O egoísmo . . . . .	168
A fé e a caridade. . . . .	169
Caridade para com os criminosos. . . . .	170
Deve-se expor a vida por um malfeitor?. . . . .	172
CAPÍTULO XII: AMAI OS VOSSOS INIMIGOS . . . . .	173
Retribuir o mal com o bem. . . . .	173
Os inimigos desencarnados. . . . .	176
Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe também a outra . . . . .	177
Instruções dos Espíritos:	
A vingança. . . . .	179
O ódio . . . . .	180
O duelo . . . . .	180
CAPÍTULO XIII: NÃO SAIBA A VOSSA MÃO ESQUERDA	
O QUE DÊ A VOSSA MÃO DIREITA . . . . .	187
Fazer o bem sem ostentação . . . . .	187
Os infortúnios ocultos . . . . .	189
O óbolo da viúva . . . . .	191
Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição . . . . .	192
Instruções dos Espíritos:	
A caridade material e a caridade moral . . . . .	193
A beneficência . . . . .	196
A piedade. . . . .	203
Os órfãos . . . . .	204
Benefícios pagos com a ingratidão . . . . .	205
Beneficência exclusiva . . . . .	206
CAPÍTULO XIV: HONRAI O VOSSO PAI E A VOSSA MÃE . . . . .	209
Piedade filial . . . . .	209
Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?. . . . .	211
A parentela corporal e a parentela espiritual. . . . .	213
Instruções dos Espíritos:	
A ingratidão dos filhos e os laços de família. . . . .	214
CAPÍTULO XV: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO . . . . .	219
Aquilo de que precisa o Espírito para ser salvo.	
Parábola do Bom Samaritano: . . . . .	219
O mandamento maior . . . . .	222

Necessidade da caridade, segundo Paulo . . . . .	222
Fora da Igreja não há salvação. Fora da verdade não há salvação . . . . .	223
Instruções dos Espíritos:	
Fora da caridade não há salvação . . . . .	225
<b>CAPÍTULO XVI: NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON . . . . .</b>	<b>227</b>
Salvação dos ricos . . . . .	227
Preservar-se da avareza . . . . .	228
Jesus em casa de Zaqueu . . . . .	228
Parábola do Mau Rico . . . . .	229
Parábola dos Talentos . . . . .	229
Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria . . . . .	230
Desigualdade das riquezas . . . . .	232
Instruções dos Espíritos:	
A verdadeira propriedade . . . . .	234
Emprego da riqueza . . . . .	236
Desprendimento dos bens terrenos . . . . .	238
Transmissão da riqueza . . . . .	242
<b>CAPÍTULO XVII: SEDE PERFEITOS . . . . .</b>	<b>245</b>
Carateres da perfeição . . . . .	245
O homem de bem . . . . .	246
Os bons espíritos . . . . .	248
Parábola do Semeador . . . . .	250
Instruções dos Espíritos:	
O dever . . . . .	251
A virtude . . . . .	252
Os superiores e os inferiores . . . . .	253
O homem no mundo . . . . .	255
Cuidar do corpo e do espírito . . . . .	256
<b>CAPÍTULO XVIII: MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS . . . . .</b>	<b>259</b>
Parábola do Festim das Bodas . . . . .	259
A porta estreita . . . . .	262
Nem todos os que dizem «Senhor! Senhor!» entrarão no Reino dos Céus . . . . .	263
Muito se pedirá àquele que muito recebeu . . . . .	265
Instruções dos Espíritos:	
Dar-se-á àquele que tem . . . . .	266
Pelas suas obras é que se reconhece o cristão . . . . .	268

CAPÍTULO XIX: A FÉ MOVE MONTANHAS . . . . .	271
Poder da fé . . . . .	271
A fé religiosa. Condição da fé inabalável . . . . .	273
Parábola da figueira que secou . . . . .	274
Instruções dos Espíritos:	
A fé: mãe da esperança e da caridade . . . . .	276
A fé humana e a divina . . . . .	277
CAPÍTULO XX: OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA . . . . .	279
Instruções dos Espíritos:	
Os últimos serão os primeiros . . . . .	280
Missão dos espíritos . . . . .	282
Os obreiros do Senhor . . . . .	284
CAPÍTULO XXI: HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS . . . . .	287
Conhece-se a árvore pelo fruto . . . . .	287
Missão dos profetas . . . . .	288
Prodígios dos falsos profetas . . . . .	288
Não crede em todos os Espíritos . . . . .	289
Instruções dos Espíritos:	
Os falsos profetas . . . . .	291
Carateres do verdadeiro profeta . . . . .	292
Os falsos profetas da erraticidade . . . . .	294
Jeremias e os falsos profetas . . . . .	296
CAPÍTULO XXII: NÃO SEPREIS O QUE DEUS JUNTOU . . . . .	299
Indissolubilidade do casamento . . . . .	299
O divórcio . . . . .	301
CAPÍTULO XXIII: ESTRANHA MORAL . . . . .	303
Odiar os pais . . . . .	303
Abandonar pai, mãe e filhos . . . . .	305
Deixar aos mortos o cuidado de enterrar os seus mortos . . . . .	306
Não vim trazer a paz, mas a divisão . . . . .	307
CAPÍTULO XXIV: NÃO PONHAIS A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE . . . . .	313
Candeia sob o alqueire. Porque fala Jesus por parábolas . . . . .	313
Não vades ter com os gentios . . . . .	316
Não são os que gozam de saúde que precisam de médico . . . . .	318
Coragem da fé . . . . .	319
Carregar a sua cruz. Quem quiser salvar a vida perdê-la-á . . . . .	320

CAPÍTULO XXV: BUSCAI E ACHAREIS. . . . .	323
Ajuda-te a ti mesmo, que o céu te ajudará . . . . .	323
Observai os pássaros do céu . . . . .	325
Não vos afadigueis pela posse do ouro . . . . .	327
CAPÍTULO XXVI: DAI GRATUITAMENTE O QUE GRATUITAMENTE RECEBESTES . . . . .	329
Dom de curar . . . . .	329
Preces pagas . . . . .	329
Mercadores expulsos do templo . . . . .	331
Mediunidade gratuita . . . . .	331
CAPÍTULO XXVII: PEDI E OBTEREIS. . . . .	335
Qualidades da prece . . . . .	335
Eficácia da prece . . . . .	336
Ação da prece. Transmissão do pensamento . . . . .	338
Preces inteligíveis . . . . .	342
Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores . . . . .	343
Instruções dos Espíritos:	
Maneira de orar . . . . .	346
Felicidade que a prece proporciona . . . . .	347
CAPÍTULO XXVIII: COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS. . . . .	349
Prêmbulo . . . . .	349
I — Preces gerais . . . . .	351
Oração dominical . . . . .	351
Reuniões espíritas . . . . .	356
Para os médiuns . . . . .	359
II — Preces por aquele que ora . . . . .	361
Aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores . . . . .	361
Para afastar os maus Espíritos . . . . .	363
Para pedir a correção de um defeito . . . . .	364
Para pedir a força de resistir a uma tentação . . . . .	365
Ação de graças pela vitória alcançada sobre uma tentação . . . . .	366
Para pedir um conselho . . . . .	367
Nas aflições da vida . . . . .	367
Ação de graças por um favor obtido . . . . .	368
Ato de submissão e de resignação . . . . .	369
Num perigo iminente . . . . .	371
Ação de graças por ter escapado a um perigo . . . . .	371

À hora de dormir . . . . .	372
Prevendo próxima a morte . . . . .	372
III — Preces por outrem . . . . .	374
Por alguém que esteja em aflição . . . . .	374
Ação de graças por um benefício concedido a outrem . . . . .	375
Pelos nossos inimigos e por aqueles que nos querem mal . . . . .	376
Ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos . . . . .	377
Pelos inimigos do Espiritismo. . . . .	377
Por uma criança que acaba de nascer . . . . .	379
Por um agonizante . . . . .	381
IV — Preces por aqueles que já não são da Terra . . . . .	382
Por alguém que acaba de morrer . . . . .	382
Pelas pessoas a quem tivemos afeição. . . . .	384
Pelas almas sofredoras que pedem preces . . . . .	386
Por um inimigo que morreu . . . . .	387
Por um criminoso. . . . .	388
Por um suicida . . . . .	388
Pelos Espíritos penitentes . . . . .	389
Pelos Espíritos endurecidos . . . . .	390
V — Preces pelos doentes e pelos obsidiados . . . . .	392
Pelos doentes . . . . .	392
Pelos obsidiados. . . . .	394
Índice Remissivo . . . . .	401

## PREFÁCIO<sup>1</sup>

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

Em verdade vos digo que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos associam-se-lhes. Nós convidamos-vos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas as vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo ao outro do Universo.

Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: «Senhor! Senhor!» E podereis entrar no Reino dos Céus.

O ESPÍRITO DE VERDADE

<sup>1</sup> Esta instrução, transmitida por via mediúmica, resume simultaneamente o verdadeiro caráter do Espiritismo e a finalidade desta obra; por isso foi apresentada aqui como prefácio.

# INTRODUÇÃO

## I — OBJETIVO DESTA OBRA

Podem dividir-se em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: *os atos comuns da vida de Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento dos seus dogmas; e o ensinamento moral.* As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última, porém, conservou-se constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É um terreno onde todos os cultos podem reunir-se, estandarte sob o qual podem todos pôr-se, quaisquer que sejam as suas crenças, porquanto nunca ele constituiu matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas. Aliás, se o discutissem, as seitas teriam encontrado nele a sua própria condenação, visto que, na maioria, elas se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, constitui aquele código uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. É, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade vindoura, o levantamento de uma ponta do véu que nos oculta a vida futura. Esta parte é a que será objeto exclusivo desta obra.

Toda a gente admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certas máximas

que se tornaram proverbiais. Poucos, no entanto, a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as consequências. A razão está, por muito, na dificuldade que apresenta o entendimento do Evangelho, que, para o maior número dos seus leitores, é ininteligível. A forma alegórica e o intencional misticismo da linguagem fazem com que a maioria o leia por desengano de consciência e por dever, como leem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Passam-lhes despercebidos os preceitos morais, disseminados aqui e ali, intercalados na massa das narrativas. Impossível, então, apanhar-se-lhes o conjunto e tomá-los para objeto de leitura e meditações especiais.

É certo que já se escreveram tratados de moral evangélica; mas o arranjo em moderno estilo literário tira-lhe a primitiva simplicidade que, ao mesmo tempo, lhe atribui o encanto e a autenticidade. Outro tanto cabe dizer-se das máximas destacadas e reduzidas à sua mais simples expressão proverbial. Desde logo, já não passam de aforismos, privados de uma parte do seu valor e interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias em que foram enunciadas.

Para prevenir esses inconvenientes, reunimos, nesta obra, os artigos que podem compor, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da ideia, pondo de lado unicamente o que não se prende com o assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução de Sacy, assim como a divisão em versículos. Em vez, porém, de nos atermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real para o caso, agrupamos e classificamos metodicamente as máximas segundo as respectivas naturezas, de modo que decorram umas das outras, tanto quanto possível. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite que se recorra à classificação vulgar, quando oportuno.

Este, entretanto, seria um trabalho material que, por si só, apenas teria uma secundária utilidade. O essencial era pô-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições da vida. Foi o que tentámos fazer, com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.

Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores sacros em geral por si só são ininteligíveis, parecendo alguns até irracionais, por

falta da chave que faculte que se lhes apreenda o verdadeiro sentido. Esta chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão.

O Espiritismo depara-se-nos por toda a parte na Antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Por toda a parte se lhe descobrem os vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. Essa é a razão por que, ao mesmo tempo que rasga horizontes novos para o futuro, projeta uma luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada preceito, acrescentamos algumas instruções escolhidas, de entre as que os Espíritos ditaram em vários países e por diferentes médiuns. Se elas fossem tiradas de uma fonte única, teriam talvez sofrido uma influência pessoal ou a do meio, ao passo que a diversidade de origens prova que os Espíritos dão indistintamente os seus ensinamentos e que ninguém a esse respeito goza de qualquer privilégio.<sup>1</sup>

Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos haurir os meios de conformar com a moral de Cristo o respetivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes concernem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a pô-la em prática, a conselho dos seus guias espirituais. As instruções que promanam dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do Céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à *prática do Evangelho*.

## II — AUTORIDADE DA DOUTRINA ESPÍRITA

### Controlo universal do ensino dos Espíritos

Se a Doutrina Espírita fosse de conceção puramente humana, não ofereceria por penhor senão as luzes daquele que a tivesse concebido. Ora, ninguém neste mundo poderia alimentar fundadamente a pretensão de possuir, com exclusividade, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se tivessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, porquanto teria sido preciso acreditar,

sob palavra, naquele que dissesse ter recebido deles o ensino. Admitida, da sua parte, uma sinceridade perfeita, quando muito poderia ele convencer as pessoas das suas relações; conseguiria sectários, mas nunca chegaria a congregar todo o mundo.

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por um mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um polo ao outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Além disso, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela própria razão de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos dessedentar-se nela. Faltem os homens para difundi-la: haverá sempre os Espíritos, cuja atuação a todos atinge e aos quais ninguém pode atingir.

São, pois, os próprios Espíritos que fazem a propagação, com o auxílio dos inúmeros médiuns que, também eles, os Espíritos, vão suscitando de todos os lados. Se tivesse havido unicamente um intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo mal seria conhecido. Qualquer que fosse a classe a que pertencesse, tal intérprete teria sido objeto das prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos se comunicam em todos os pontos da Terra, a todos os povos, a todas as seitas, a todos os partidos, e todos os aceitam. O Espiritismo não tem nacionalidade e não faz parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que qualquer pessoa pode receber instruções dos seus parentes e amigos de além-túmulo. Cumpre que seja assim, para que ele possa conduzir todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, alimentaria as dissensões, em vez de apaziguá-las.

Nessa universalidade do ensino dos Espíritos reside a força do Espiritismo e, também, a causa da sua tão rápida propagação. Ao passo que a palavra de um só homem, mesmo com o auxílio da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os recantos do planeta, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais

ignorantes, como aos mais doutos, a fim de que não haja deserdados. É uma vantagem de que não gozara ainda nenhuma das doutrinas surgidas até hoje. Se o Espiritismo, portanto, é uma verdade, não teme o malquerer dos homens, nem as revoluções morais, nem as subversões físicas do globo, porque nada disso pode atingir os Espíritos.

Não é essa, porém, a única vantagem que lhe decorre da sua excepcional posição. Ela faculta-lhe uma inatacável garantia contra todos os cismas que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos. Tais contradições, não há negar, são um escolho; mas que traz consigo o remédio, ao lado do mal.

Sabe-se que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua depuração; que os Espíritos vulgares mais não sabem do que muitos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e sofómanos, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das ideias e preconceitos terrenos; mas também é sabido que os Espíritos enganadores não têm escrúpulos em tomar nomes que não lhes pertencem, para impingirem as suas utopias. Daí resulta que, com relação a tudo o que esteja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão um caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de um ou outro Espírito e que seria imprudente aceitá-las e propagá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro exame comprovativo é, pois, sem contradição, o da razão, ao qual cumpre que se submeta, sem exceção, tudo o que venha dos Espíritos. Qualquer teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Incompleto, porém, ficará esse exame em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de não poucas a tomar as próprias opiniões como juízes únicos da verdade. Assim sendo, que hão de fazer aqueles que não depositam uma confiança absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. É deste modo que se deve proceder perante o que

digam os Espíritos, que são os primeiros a fornecer-nos os meios de consegui-lo.

A concordância no que ensinam os Espíritos é, pois, a melhor comprovação. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos acerca de um ponto duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o domínio de uma obsessão, ou a lidar com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tão-pouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo Centro, porque podem estar todos sob a mesma influência.

*Existe uma só garantia séria para o ensinamento dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.*

Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses secundários, mas do que respeita aos próprios princípios da doutrina. Prova a experiência que, quando um princípio novo tem de ser enunciado, isso se dá *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao conteúdo.

Se, portanto, aprouver a um Espírito formular um sistema excêntrico, baseado unicamente nas suas ideias e com exclusão da verdade, pode ter-se a certeza de que tal sistema se conservará *circunscrito* e cairá diante das instruções dadas de todas as partes, conforme os múltiplos exemplos que já se conhecem. Foi essa unanimidade que deitou por terra todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava à sua maneira os fenómenos, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Essa é a base em que nos apoiamos quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: «Crede em tal coisa porque somos nós que vo-lo dizemos.» A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi

ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a sanção da concordância.

Na posição em que nos encontramos, a receber comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da Terra, achamo-nos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a concordância. É esta observação que nos tem guiado até hoje e é aquela que nos guiará em novos campos que o Espiritismo terá de explorar. Porque, estudando atentamente as comunicações vindas tanto de França como do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza muito especial das revelações, que ele tende a entrar por um novo caminho e que chegou o momento de dar um passo em frente. Estas revelações, feitas muitas vezes com palavras veladas, têm frequentemente passado despercebidas a muitos dos que as obtiveram. Outros julgaram-se os únicos a possuí-las. Tomadas isoladamente, elas, para nós, nenhum valor teriam; somente a coincidência lhes imprime gravidade. Depois, chegado o momento de serem entregues à publicidade, cada um se lembrará de ter obtido instruções no mesmo sentido. É este movimento geral, que observamos e estudamos com a assistência dos nossos guias espirituais, que nos auxilia a julgar a oportunidade de fazermos ou não alguma coisa.

Essa verificação universal constitui uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no porvir, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* foi que, em toda a parte, todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados tivessem vindo os Espíritos contradizê-la, já há muito teriam aquelas obras experimentado a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem mesmo o apoio da imprensa as salvaria do naufrágio, ao passo que, privadas como se viram desse apoio, não deixaram elas de abrir caminho e de avançar celeremente. É que tiveram o apoio dos Espíritos, cuja boa vontade não só compensou como também sobrepuiu o malquerer dos homens. Assim sucederá a todas as ideias que, emanando quer dos Espíritos, quer dos homens, não possam suportar a prova desse confronto, cuja força a ninguém é lícito contestar.

Suponhamos que praza a alguns Espíritos ditar, sob qualquer título, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com uma intenção hostil, pretendendo desacreditar a doutrina, a malevolência

suscitasse comunicações apócrifas; que influência poderiam exercer tais escritos, desde que de todos os lados os desmentissem os Espíritos? É com a adesão destes que se deve garantir aquele que queira lançar, em seu nome, um sistema qualquer. Do sistema de um só ao de todos, medeia a distância que vai da unidade ao infinito. Que poderão conseguir os argumentos dos detratores, sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, provindas do Espaço, se façam ouvir em todos os recantos do Universo e no seio das famílias, a infirmá-los? A esse respeito, já não foi a teoria confirmada pela experiência? Que é feito das inúmeras publicações que traziam a pretensão de arrasar o Espiritismo? Qual foi a que nem lhe retardou a marcha? Até agora, não se considera a questão desse ponto de vista, sem dúvida um dos mais graves. Cada um contou consigo, sem contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é também uma garantia contra as alterações que poderiam sujeitar o Espiritismo às seitas que se propusessem apoderar-se dele em proveito próprio e acomodá-lo à vontade. Quem quer que tentasse desviá-lo do seu providencial objetivo mal-sucedido se veria, pela razão muito simples de que os Espíritos, em virtude da universalidade dos seus ensinamentos, farão cair por terra qualquer modificação que se divorcie da verdade.

De tudo isso sobressai uma verdade capital: a de que aquele que quisesse opor-se à corrente de ideias estabelecida e sancionada poderia, é certo, causar uma pequena perturbação local e momentânea; nunca, porém, dominar o conjunto, mesmo no presente, nem, ainda menos, no futuro.

Também sobressai que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não elucidados da Doutrina não constituirão lei enquanto essas instruções permanecerem isoladas; que elas não devem, por conseguinte, ser aceites senão sob todas as reservas e a título de esclarecimento.

Daí a necessidade da maior prudência em dar-lhes publicidade; e, caso se julgue conveniente publicá-las, importa não as apresentar senão como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, mas carecendo sempre de confirmação. É essa confirmação que se precisa aguardar antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, a menos que se queira ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Com extrema sabedoria procedem os Espíritos superiores nas suas revelações. Não atacam as grandes questões da Doutrina senão

gradualmente, à medida que a inteligência se mostra apta a compreender uma verdade de ordem mais elevada e quando as circunstâncias se revelam propícias à emissão de uma ideia nova. É por isso que logo de princípio não disseram tudo, e tudo ainda hoje não disseram, nunca cedendo à impaciência dos muito afoitos, que querem os frutos antes de estarem maduros. Seria, pois, supérfluo pretender adiantar-se ao tempo que a Providência designou para cada coisa, porque, então, os Espíritos verdadeiramente sérios negariam o seu auxílio. Os Espíritos levianos, pouco se preocupando com a verdade, a tudo respondem; daí resulta que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não resultam de uma teoria pessoal: são uma consequência forçada das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de outros dizem o contrário algures, a presunção de verdade não pode estar com aquele que é o único ou quase o único de tal parecer. Ora, pretender alguém ter razão contra todos seria tão ilógico da parte dos Espíritos quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente ponderados, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, nunca a resolvem de modo absoluto; declaram que apenas a tratam do seu ponto de vista e aconselham que se aguarde a confirmação.

Por maior, mais bela e justa que seja uma ideia, é impossível que desde o primeiro momento congregue todas as opiniões. Os conflitos que daí decorrem são consequência inevitável do movimento que se opera; eles são mesmo necessários para um maior realce da verdade e convém que se produzam desde logo, para que as ideias falsas prontamente sejam postas de lado. Os espíritas que a esse respeito alimentassem qualquer temor podem ficar perfeitamente tranquilos: todas as pretensões isoladas cairão, pela própria força das coisas, diante do enorme e poderoso critério da concordância universal.

*Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros*, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, nem nós, nem qualquer outro que fundará a ortodoxia espírita; tão-pouco será um Espírito que se venha impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. É esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; é essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse numa base inamovível e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só.

É diante de tão poderoso areópago, onde não se conhecem corrilhos, nem rivalidades ciosas, nem seitas, nem nações, que virão ruir todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; *é que ruiríamos nós mesmos se quiséssemos substituir os seus decretos soberanos pelas nossas próprias ideias*. Só Ele decidirá todas as questões litigiosas, imporá silêncio às dissidências e dará razão a quem a tenha. Diante desse imponente acordo de todas as *vozes do Céu*, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos do que a gota de água que se perde no oceano, menos do que a voz da criança que a tempestade abafa.

A opinião universal, eis o juiz supremo, o que se pronuncia em última instância. Formam-na todas as opiniões individuais. Se uma destas é verdadeira, apenas tem na balança o seu peso relativo. Se é falsa, não pode prevalecer sobre todas as demais. Nesse imenso concurso, as individualidades apagam-se, o que constitui um novo insucesso para o orgulho humano.

Já se desenha o harmonioso conjunto. Este século não passará sem que ele resplandeça em todo o seu brilho, de modo a dissipar todas as incertezas, porquanto daqui até lá potentes vozes terão recebido a missão de se fazer ouvir, para congregar os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o campo se ache suficientemente lavrado. Enquanto isso não se dá, aquele que flutua entre dois sistemas opostos pode observar em que sentido se forma a opinião geral; essa será a indicação certa do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, nos diversos pontos em que se comunicam, e um sinal não menos certo de qual dos dois sistemas prevalecerá.

### III — NOTÍCIAS HISTÓRICAS

Para bem se compreenderem algumas passagens dos Evangelhos, necessário se torna conhecer o valor de muitas palavras nelas frequentemente empregadas e que caracterizam o estado dos costumes e da sociedade judia naquela época. Já não tendo para nós o mesmo sentido, essas palavras foram com frequência mal interpretadas, causando isto uma espécie de incerteza. A inteligência da significação delas explica, além disso, o verdadeiro sentido de certas máximas que, à primeira vista, parecem singulares.

*Samaritanos* — Após o cisma das dez tribos, Samaria constituiu-se como a capital do reino dissidente de Israel. Destruída e reconstruída várias vezes, tornou-se, sob os romanos, a cabeça da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes, chamado o *Grande*, embelezou-a com sumptuosos monumentos e, para lisonjear Augusto, deu-lhe o nome *Augusta*, em grego *Sebaste*.

Os samaritanos estiveram quase constantemente em guerra com os reis de Judá. Uma aversão profunda, datada da época da separação, perpetuou-se entre os dois povos, que evitavam todas as relações recíprocas. Aqueles, para tornarem maior a cisão e não terem de ir a Jerusalém pela celebração das festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram algumas reformas. Somente admitiam o Pentateuco, que continha a lei de Moisés, e rejeitavam todos os outros livros que a esse foram posteriormente anexados. Os seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Para os judeus ortodoxos, eles eram heréticos e, portanto, desprezados, anatematizados e perseguidos. O antagonismo das duas nações tinha, pois, por fundamento único a divergência das opiniões religiosas; se bem que fosse a mesma a origem das crenças de uma e outra. Eram os *protestantes* desse tempo.

Ainda hoje se encontram samaritanos em algumas regiões do Levante, particularmente em Nablus e em Jafa. Observam a lei de Moisés com mais rigor que os outros judeus e só entre si contraem alianças.

*Nazarenos* — Nome dado, na antiga lei, aos judeus que faziam votos, perpétuos ou temporários, de guardar perfeita pureza. Eles comprometiam-se a observar a castidade, a abster-se de bebidas alcoólicas e a conservar a cabeleira. Sansão, Samuel e João Batista eram nazarenos.

Mais tarde, os judeus deram este nome aos primeiros cristãos, por alusão a Jesus de Nazaré.

Também foi essa a denominação de uma seita herética dos primeiros séculos da Era Cristã, a qual, do mesmo modo que os ebionitas, de quem adotava certos princípios, misturava as práticas do mosaísmo com os dogmas cristãos, seita que desapareceu no século IV.

*Publicanos* — Eram assim chamados, na Antiga Roma, os cavaleiros arrendatários das taxas públicas, incumbidos da cobrança dos impostos e das rendas de toda a espécie, quer em Roma, quer nas outras partes do império. Eram como os arrendatários-gerais e arrematadores de taxas do Antigo Regime em França e que ainda existem nalgumas

regiões. Os riscos a que estavam sujeitos faziam que os olhos se fechassem para as riquezas que muitas vezes adquiriam e que, da parte de alguns, eram frutos de exações e de lucros escandalosos. O nome *publicano* estendeu-se mais tarde a todos os que superintendiam os dinheiros públicos e aos agentes subalternos. Hoje este termo emprega-se em sentido pejorativo, para designar os financistas e os agentes pouco escrupulosos de negócios. Diz-se por vezes «ávido como um publicano, rico como um publicano», em referência a riquezas de mau quilate.

De toda a dominação romana, foi o imposto que os judeus mais dificilmente aceitaram e o que mais irritação causou entre eles. Daí nasceram várias revoltas, fazendo-se do caso uma questão religiosa, por ser considerada contrária à Lei. Constituiu-se até um partido poderoso, a cuja frente se pôs um certo Judá, apelidado o *Gaulonita*, tendo por princípio o não pagamento do imposto. Os judeus, pois, abominavam o imposto e, como consequência, todos os que eram encarregados de arrecadá-lo, daí a aversão que votavam aos publicanos de todas as categorias, entre os quais podiam encontrar-se pessoas muito estimadas mas que, em virtude das suas funções, eram desprezadas, assim como os que com elas mantinham relações, os quais se viam atingidos pela mesma reprovação. Os judeus de destaque consideravam um comprometimento ter com eles intimidade.

*Portageiros* — Eram os arrecadadores de baixa categoria, incumbidos principalmente da cobrança dos direitos de entrada nas cidades. As suas funções correspondiam mais ou menos à dos empregados de alfândega e recebedores dos direitos de barreira. Compartilhavam da repulsa que pesava sobre os publicanos em geral. É essa a razão por que, no Evangelho, nos deparamos frequentemente com a palavra *publicano* ao lado da expressão *gente de má vida*. Tal qualificação não implicava a de debochados ou vagabundos. Era um termo de desprezo, sinónimo de gente de má companhia, gente indigna de conviver com pessoas distintas.

*Fariseus* (do hebraico *parush*, «divisão», «separação») — A tradição constituía uma parte importante da teologia dos judeus. Consistia numa compilação das interpretações sucessivamente dadas ao sentido das Escrituras e tornadas artigos de dogma. Constituía, entre os doutores, assunto de discussões intermináveis, na maioria das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas, no género das disputas teológicas e das sutilezas da escolástica da Idade Média. Daí nasceram

diferentes seitas, cada uma das quais pretendia ter o monopólio da verdade, detestando-se umas às outras, como costuma acontecer.

Entre estas seitas, a mais influente era a dos fariseus, que teve por chefe Hillel<sup>2</sup>, doutor judeu nascido na Babilónia, fundador de uma escola célebre, onde se ensinava que só se devia depositar fé nas Escrituras. A sua origem remonta a 180 ou 200 anos antes de Jesus Cristo. Os fariseus, em diversas épocas, foram perseguidos, especialmente sob Hircano — soberano pontífice e rei dos judeus —, Aristóbulo e Alexandre, rei da Síria. Este último, porém, deferiu-lhes honras e restituiu os bens, de modo que eles readquiriram o antigo poderio e o conservaram até a ruína de Jerusalém, no ano 70 da Era Cristã, época em que se lhes apagou o nome, em consequência da dispersão dos judeus.

Tomavam parte ativa nas controvérsias religiosas. Servis cumpridores das práticas exteriores do culto e das cerimónias, cheios de um zelo ardente de proselitismo, inimigos dos inovadores, afetavam uma grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de meticulosa devoção, ocultavam costumes dissolutos, muito orgulho e, acima de tudo, uma excessiva ânsia de dominação. Tinham a religião mais como meio de chegarem aos seus fins do que como objeto de fé sincera. Da virtude nada possuíam, além das exterioridades e da ostentação; entretanto, por umas e outras, exerciam uma grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por santas criaturas. Daí o facto de serem muito poderosos em Jerusalém.

Acreditavam — ou, pelo menos, fingiam acreditar — na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. (Cap. IV, item 4.) Jesus, que prezava, sobretudo, a simplicidade e as qualidades da alma, que, na lei, preferia o *espírito, que vivifica, à letra, que mata*, applicou-se, durante toda a sua missão, a desmascarar-lhes a hipocrisia, pelo que tinha neles encarniçados inimigos. Foi por esta razão que se ligaram aos príncipes dos sacerdotes para amotinar contra Ele o povo e eliminá-lo.

*Escribas* — Nome dado, a princípio, aos secretários dos reis de Judá e a certos intendentes dos exércitos judeus. Mais tarde, foi applicado especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo. Faziam causa comum com os fariseus, de cujos princípios partilhavam, bem como da antipatia que aqueles votavam aos inovadores. Daí envolvê-los Jesus na reprovação que lançava aos fariseus.

*Sinagoga* (do grego *synagogê*, «assembleia», «congregação») — Havia um único templo na Judeia, o de Salomão, em Jerusalém, onde se celebravam as grandes cerimônias do culto. Os judeus, todos os anos, lá iam em peregrinação para as festas principais, como as da Páscoa, da Dedicção e dos Tabernáculos. Era por ocasião destas festas que Jesus também costumava lá ir. As outras cidades não possuíam templos, mas apenas sinagogas: edifícios onde os judeus se reuniam aos sábados, para fazer preces públicas, sob a chefia dos anciãos, dos escribas, ou doutores da Lei. Nelas também se realizavam leituras dos livros sagrados, seguidas de explicações e comentários, atividades nas quais qualquer pessoa podia participar. É por isso que Jesus, sem ser sacerdote, ensinava aos sábados nas sinagogas.

Desde a ruína de Jerusalém e a dispersão dos judeus, as sinagogas, nas cidades por eles habitadas, servem-lhes de templos para a celebração do culto.

*Saduceus* — Seita judia, que se formou por volta do ano 248 antes de Jesus Cristo e cujo nome lhe veio do de Sadoque, seu fundador. Não criam na imortalidade, nem na ressurreição, nem nos anjos bons e maus. Entretanto, criam em Deus; nada, porém, esperando após a morte, só o serviam tendo em vista recompensas temporais, ao que, segundo eles, se limitava a Providência divina. Assim pensando, tinham a satisfação dos sentidos físicos por objetivo essencial da vida. Quanto às Escrituras, atinham-se ao texto da lei antiga. Não admitiam a tradição nem quaisquer interpretações. Punham as boas obras e a observância pura e simples da Lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como se vê, os materialistas, os deístas e os sensualistas da época. Seita pouco numerosa mas que contava no seu seio com importantes personagens e que se tornou um partido político constantemente oposto aos fariseus.

*Essênios* (ou *esseques*) — Também seita judia fundada cerca do ano 150 antes de Jesus Cristo, ao tempo dos macabeus, e cujos membros, que habitavam uma espécie de mosteiros, formavam entre si como uma associação moral e religiosa. Distinguiam-se pelos costumes brandos e por austeras virtudes, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição. Viviam em celibato, condenavam a escravidão e a guerra, punham em comunhão os seus bens e entregavam-se à agricultura.

Contrários aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade, aos fariseus de rígidas práticas exteriores e de virtudes apenas aparentes,

nunca os essênios tomaram parte nas querelas que tornaram antagonistas aquelas duas outras seitas. Pelo género de vida que levavam, assemelhavam-se muito aos primeiros cristãos, e os princípios da moral que professavam induziram muitas pessoas a supor que Jesus, antes de dar início à sua missão pública, lhes pertencera à comunidade. É certo que ele há de tê-la conhecido, mas nada prova que se lhe tivesse filiado, sendo, pois, hipotético tudo quanto a esse respeito se escreveu.<sup>3</sup>

*Therapeutas* (do grego *therapeutai*, formado de *therapeuein*, «servir», «cuidar», isto é: «servidores de Deus» ou «curadores») — Eram sec-tários judeus contemporâneos de Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Relacionavam-se muito com os essênios, cujos princípios adotavam, aplicando-se, como estes últimos, à prática de todas as virtudes. Eram de extrema frugalidade na alimentação. Também celibatários, votados à contemplação e vivendo uma vida solitária, constituíam uma verdadeira ordem religiosa. Fílon, filósofo judeu platónico, de Alexandria, foi o primeiro a falar dos *therapeutas*, considerando-os uma seita do judaísmo. Eusébio, São Jerónimo e outros Pais da Igreja pensam que eles eram cristãos. Fossem tais ou fossem judeus, o que é evidente é que, do mesmo modo que os essênios, eles representam o traço de união entre o judaísmo e o cristianismo.

#### IV — SÓCRATES E PLATÃO, PRECURSORES DA IDEIA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO

Do facto de ter Jesus conhecido a seita dos essênios, seria erróneo concluir-se que a sua doutrina fora haurida dessa seita e que, se tivesse vivido noutro meio, teria professado outros princípios. As grandes ideias nunca irrompem de súbito. As que assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Deste modo, não surgindo bruscamente, a ideia, ao aparecer, encontra espíritos dispostos a aceitá-la. Foi o que se deu com a ideia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores Sócrates e Platão.

Sócrates, como Cristo, nada escreveu, ou, pelo menos, nenhum escrito deixou. Como Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do

fanatismo, por ter atacado as crenças que encontrara e posto a virtude real acima da hipocrisia e do simulacro das formas; por ter, em suma, combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus, a quem os fariseus acusavam de estar a corromper o povo com os ensinamentos que lhe ministrava, também ele foi acusado, pelos fariseus do seu tempo, visto que sempre os houve em todas as épocas, de proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Assim como só conhecemos a doutrina de Jesus pelo que escreveram os seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos do seu discípulo Platão. Julgamos conveniente resumir aqui os pontos de maior relevo, para mostrar a concordância deles com os princípios do cristianismo.

Aos que considerarem este paralelo uma profanação e pretendam que não pode haver paridade entre a doutrina de um pagão e a de Cristo, diremos que não era pagã a de Sócrates, pois que pretendia combater o paganismo; que a de Jesus, mais completa e mais depurada do que aquela, nada tem que perder com a comparação; que a grandeza da missão divina de Cristo não pode ser diminuída; que, além disso, se trata de um facto da História, que a ninguém será possível apagar. O Homem chegou a um ponto em que a luz emerge por si mesma de sob o alqueire. Ele acha-se suficientemente maduro para encará-la; tanto pior para os que não ousem abrir os olhos. Chegou o tempo de se considerarem as coisas de modo amplo e elevado, já não do ponto de vista mesquinho e acanhado dos interesses de seitas e de castas.

Além disso, estas citações provarão que, se Sócrates e Platão presentiram a ideia cristã, nos seus escritos também se nos deparam os princípios fundamentais do Espiritismo.

## RESUMO DA DOCTRINA DE SÓCRATES E DE PLATÃO

I. O homem é *uma alma encarnada*. Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais das ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles ao encarnar, e, *recordando o seu passado*, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.

Não se pode enunciar mais claramente a distinção e independência entre o princípio inteligente e o princípio material. É, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela guarda de outro mundo, a que aspira; da sua sobrevivência ao corpo; da sua saída do mundo espiritual, para encarnar; e da sua volta a esse mesmo mundo, após a morte. É, finalmente, o germe da doutrina dos anjos caídos.

II. A alma transvia-se e perturba-se quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto; tem vertigens, como se estivesse ébria, porque se prende a coisas que estão, pela sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla a sua própria essência, se dirige para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo ela dessa natureza, permanece aí ligada, por tanto tempo quanto possa. Cessam então os seus transviamentos, pois que está unida ao que é imutável e é a esse estado da alma que se chama *sabedoria*.

Assim, ilude a si mesmo o homem que considera as coisas de modo terra-a-terra, do ponto de vista material. Para as apreciar com justiça, tem de as ver do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. Aquele, pois, que está na posse da verdadeira sabedoria tem de isolar do corpo a alma, para ver com os olhos do Espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, item 5.)

III. Enquanto tivermos o nosso corpo e a alma se achar mergulhada nessa corrupção, nunca possuiremos o objeto dos nossos desejos: a verdade. Com efeito, o corpo suscita-nos mil obstáculos pela necessidade em que nos achamos de cuidar dele. Além disso, ele enche-nos de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, se nos torna impossível ser ajuizados, nem por um instante. Todavia, se não nos é possível conhecer puramente coisa alguma enquanto a alma nos está ligada ao corpo, de duas, uma: ou nunca conheceremos a verdade, ou só a conheceremos após a morte. Libertos da loucura do corpo, conversaremos então, lícito é esperá-lo, com homens igualmente libertos e conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas.

É por esta razão que os verdadeiros filósofos se exercitam em morrer e a morte não se lhes afigura, de modo nenhum, temível.

Aí está o princípio das faculdades da alma obscurecidas por motivo dos órgãos corporais e o da expansão dessas faculdades depois da morte. Trata-se, porém, apenas de almas já depuradas; o mesmo não se dá com as almas impuras. (*O Céu e o Inferno*, Primeira Parte, cap. II; Segunda Parte, cap. I.)

IV. A alma impura, nesse estado, encontra-se oprimida e vê-se de novo arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial. Erra, então, diz-se, em torno dos monumentos e dos túmulos, junto aos quais já se têm visto tenebrosos fantasmas, quais devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estarem ainda inteiramente puras, que ainda conservam alguma coisa da forma material, o que faz que a vista humana possa percebê-las. Não são as almas dos bons; são, porém, as dos maus, que se veem forçadas a vagar por esses lugares, onde arrastam consigo a pena da primeira vida que tiveram e onde continuam a vagar até que os apetites inerentes à forma material de que se revestiram as reconduzam a um corpo. Então, sem dúvida, retomam os mesmos costumes que durante a primeira vida constituíam objeto das suas predileções.

Não somente o princípio da reencarnação se acha aí claramente expresso mas também o estado das almas que se mantêm sob o jugo da matéria é descrito como mostra o Espiritismo nas evocações. Mais ainda: no tópico acima diz-se que a reencarnação num corpo material é consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas se encontram isentas de reencarnar. Outra coisa não diz o Espiritismo, acrescentando apenas que a alma, que boas resoluções tomou na erraticidade e que possui conhecimentos adquiridos, traz, ao renascer, menos defeitos, mais virtudes e ideias intuitivas do que tinha na sua existência precedente. Assim, cada existência lhe marca um progresso intelectual e moral. (*O Céu e o Inferno*, Segunda Parte: *Exemplos*.)

V. Após a nossa morte, o génio (*daïmon*, «demónio») que nos fora designado durante a vida leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao Hades, para serem julgados. As almas, depois de terem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos.

É a doutrina dos anjos guardiães, ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, de seguida a intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

VI. Os demónios ocupam o espaço que separa o céu da Terra; constituem o laço que une o Grande Todo a si mesmo. Não entrando nunca a divindade em comunicação direta com o Homem, é por intermédio dos demónios que os deuses entram em comércio e se entretêm com ele, quer durante a vigília, quer durante o sono.

A palavra *daïmon*, da qual fizeram o termo «demónio», não era, na Antiguidade, tomada à má parte, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos, em geral, de entre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados, ou demónios propriamente ditos, que comunicavam diretamente com os homens. Também o Espiritismo diz que os Espíritos povoam o Espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, que são os incumbidos de lhes transmitir as vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono. Ponde, em vez da palavra «demónio», a palavra «Espírito» e tereis a Doutrina Espírita; ponde a palavra «anjo» e tereis a doutrina cristã.

VII. A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendiam Sócrates e Platão) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Uma vez que a alma é imortal, não será prudente viver tendo em vista a eternidade?

O cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

VIII. Se a alma é imaterial, tem de passar, após esta vida, para um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, ao decompor-se, volta à matéria. Muito importa, no entanto, distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimente, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma *mais ou menos* maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a retêm nos lugares da sua estada na Terra.

Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Insistem na diversidade de situação que resulta para elas da sua *maior ou menor* pureza. O que eles diziam, por intuição, o Espiritismo prova-o com os inúmeros exemplos que nos põe sob as vistas. (*O Céu e o Inferno*, Segunda Parte.)

IX. Se a morte fosse a dissolução completa do Homem, muito ganhariam com a morte os maus, pois ver-se-iam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que guarnecer a alma, não de ornatos estranhos, daqueles que lhe são próprios, só esse poderá aguardar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.

Equivale isto a dizer que o materialismo, com o proclamar para depois da morte o nada, anula qualquer responsabilidade moral ulterior, sendo, por conseguinte, um incentivo para o mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada. Somente o homem que se despojou dos vícios e se enriqueceu de virtudes pode esperar com tranquilidade o despertar na outra vida. Por meio de exemplos, que todos os dias nos apresenta, o Espiritismo mostra quão penoso é, para o mau, o passar desta à outra vida, a entrada na vida futura. (*O Céu e o Inferno*, Segunda Parte, cap. 1.)

X. O corpo conserva bem impressos os vestígios dos cuidados de que foi objeto e dos acidentes que sofreu. Dá-se o mesmo com a alma. Quando despida do corpo, ela guarda, evidentes, os traços do seu caráter, das suas afeições e as marcas que lhe

deixaram todos os atos da sua vida. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao Homem é ir para o outro mundo com a alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólux, nem Górgias podereis provar que devemos levar outra vida que nos seja útil quando estejamos do outro lado. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que *mais vale receber do que cometer uma injustiça* e que, acima de tudo, devemos cuidar, não de parecer, mas de ser homens de bem. (Colóquios de Sócrates com os seus discípulos na prisão.)

Depara-se-nos aqui outro ponto capital, confirmado hoje pela experiência: o de que a alma não depurada conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que teve na Terra. Não é inteiramente cristã esta máxima: *mais vale receber do que cometer uma injustiça?* O mesmo pensamento exprimiu Jesus, usando esta figura: «Se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra.» (Cap. XII, itens 7 e 8.)

XI. De duas, uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é a passagem da alma para outro lugar. Se tudo tem de extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonhos e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Todavia, se a morte é apenas uma mudança de morada, a passagem para o lugar onde os mortos têm de se reunir, que felicidade a de encontrarmos lá aqueles que conhecemos! O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e de distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam tais e não o são. No entanto, é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vós para viverdes. (Sócrates aos seus juízes.)

Segundo Sócrates, os que viveram na Terra encontram-se após a morte e reconhecem-se. Mostra o Espiritismo que continuam as relações que entre eles se estabeleceram, de tal maneira que a morte não é nem uma interrupção, nem a cessação da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade.

Tivessem Sócrates e Platão conhecido os ensinamentos que Cristo difundiu 500 anos mais tarde e os que agora o Espiritismo espalha,

e não teriam falado de outro modo. Não há nisso, entretanto, o que surpreenda, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados hão de tê-las conhecido antes de virem à Terra, para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos daqueles tempos bem podem, depois, ter sido dos que secundaram Cristo na sua missão divina, escolhidos para esse fim precisamente por se acharem, mais do que outros, em condições de lhe compreenderem as sublimes lições; que, finalmente, pode dar-se que façam eles agora parte da plêiade dos Espíritos encarregados de ensinar aos homens as mesmas verdades.

XII. Nunca se deve retribuir com outra uma injustiça, nem fazer mal a ninguém, seja qual for o dano que nos tenham causado. Poucos, no entanto, serão os que admitam esse princípio, e os que se desentenderem a tal respeito nada mais farão, sem dúvida, do que se votarem uns aos outros um mútuo desprezo.

Não está aí o princípio de caridade, que prescreve que não se retribua o mal com o mal e se perdoe os inimigos?

XIII. É pelos frutos que se conhece a árvore. Qualquer ação deve ser qualificada pelo que produz: qualificá-la como má, quando dela provenha mal; como boa, quando dê origem ao bem.

A máxima «pelos frutos é que se conhece a árvore» encontra-se muitas vezes repetida textualmente no Evangelho.

XIV. A riqueza é um grande perigo. Qualquer homem que ama a riqueza não ama a si mesmo nem o que é seu; ama uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que o que lhe pertence. (Cap. xvi.)

XV. As mais belas preces e os mais belos sacrifícios prazem menos à Divindade do que uma alma virtuosa que faz esforços por se lhe assemelhar. Grave coisa seria que os deuses dispensassem mais atenção às nossas oferendas do que à nossa

alma; se isto se desse, poderiam os mais culpados conseguir que eles se lhes tornassem propícios. Mas não: verdadeiramente justos e retos só o são os que, pelas suas palavras e atos, cumprem os seus deveres para com os deuses e para com os homens. (Cap. x, itens 7 e 8.)

XVI. Chamo *homem vicioso* ao amante vulgar que mais ama o corpo do que a alma. O amor está por toda a parte na Natureza, que nos convida ao exercício da nossa inteligência; até no movimento dos astros o encontramos. É o amor que orna a Natureza dos seus ricos tapetes; ele enfeita-se e fixa morada onde se lhe deparem flores e perfumes. É ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar, silêncio aos ventos e sono à dor.

O amor, que há de unir os homens por um laço fraternal, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal como Lei da Natureza. Tendo dito Sócrates que «o amor não é nem um deus, nem um mortal, mas um grande demónio», isto é, um grande Espírito que preside ao amor universal, essa proposição foi-lhe imputada como crime.

XVII. A virtude não pode ser ensinada; vem por dom de Deus aos que a possuem.

É quase a doutrina cristã sobre a graça; mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor e, então, pode perguntar-se por que não é concedida a todos. Por outro lado, se é um dom, carece de mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui a virtude a adquiriu pelos seus esforços, em existências sucessivas, despojando-se pouco a pouco das suas imperfeições. A graça é a força que Deus faculta ao homem de boa vontade para se expungir do mal e praticar o bem.

XVIII. É uma disposição natural em todos nós a de nos apercebermos muito menos dos nossos defeitos do que dos de outrem.

Diz o Evangelho: «Vedes a palha que está no olho do vosso próximo e não vedes a trave que está no vosso.» (Cap. x, itens 9 e 10.)

XIX. Se os médicos são mal-sucedidos ao tratar a maior parte das moléstias, *é porque tratam do corpo sem tratarem da alma*. Ora, não se achando o todo em bom estado, é impossível que uma parte dele passe bem.

O Espiritismo fornece a chave das relações existentes entre a alma e o corpo e prova que um reage incessantemente sobre o outro. Abre, assim, uma nova senda para a Ciência. Ao mostrar-lhe a verdadeira causa de certas afeções, faculta-lhe os meios de as combater. Quando a Ciência levar em conta a ação do elemento espiritual na economia, menos frequentes serão os seus maus êxitos.

XX. Todos os homens, a partir da infância, muito mais fazem de mal do que de bem.

Esta sentença de Sócrates fere a grave questão da predominância do mal na Terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação do planeta terreno, habitado apenas por uma fração mínima da Humanidade. Somente o Espiritismo resolve esta questão, que se encontra explanada mais adiante (nos capítulos II, III e IV).

XXI. Ajuizado serás não supondo que sabes o que ignoras.

Isto refere-se aos que criticam aquilo de que desconhecem até mesmo os primeiros termos. Platão completa este pensamento de Sócrates dizendo: «Tentemos, primeiro, torná-los, se for possível, mais honestos nas palavras; se não o forem, *não nos preocupemos com eles* e não procuremos senão a verdade. Cuidemos de instruir-nos, mas *não nos injuriemos*.» É assim que devem proceder os espíritas com relação aos seus contraditores de boa ou má-fé. Revivesse hoje Platão e acharia as coisas quase como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Também Sócrates encontraria criaturas que zombariam da sua crença nos Espíritos e que lhe chamariam louco, assim como ao seu discípulo Platão.

Foi por ter professado estes princípios que Sócrates se viu ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Tão certo é que, levantando contra si os interesses e os preconceitos que elas ferem, as grandes verdades novas não se podem firmar sem luta e sem fazer mártires.

#### NOTAS

- <sup>1</sup> Teríamos, sem dúvida, podido apresentar, sobre cada assunto, um maior número de comunicações obtidas numa série de outras cidades e centros, além das que citamos. Tivemos, porém, de evitar a monotonia das repetições inúteis e limitar a nossa escolha às que, tanto pelo fundo quanto pela forma, se enquadravam melhor no plano desta obra, reservando para publicações ulteriores as que não puderam caber aqui. Quanto aos médiuns, abstinemo-nos de nomeá-los. Na maioria dos casos, não os designamos a pedido deles próprios e, assim sendo, não convinha fazer exceções. Além disso, os nomes dos médiuns nenhum valor teriam acrescentado à obra dos Espíritos. Mencioná-los mais não seria, então, do que satisfazer o amor-próprio, coisa a que os médiuns verdadeiramente sérios nenhuma importância dão. Compreendem eles que, por ser meramente passivo o papel que lhes toca, o valor das comunicações em nada lhes exalça o mérito pessoal; e que seria pueril envaidecerem-se de um trabalho de inteligência ao qual é apenas mecânico o auxílio que prestam.
- <sup>2</sup> Não confundir este Hillel que fundou a seita dos fariseus com o seu homônimo que viveu 200 anos mais tarde e estabeleceu os princípios religiosos e sociais de um sistema de tolerância e amor, hoje conhecido como hilelismo. [N. da edição de 1947]
- <sup>3</sup> A morte de Jesus, alegadamente escrita por um essênio, é uma obra inteiramente apócrifa, cujo único fim foi servir de apoio a uma opinião. Ela traz em si mesma a prova da sua origem moderna.

# Um Código de Moral Universal, sem Distinção de Culto

«Esta obra é para uso de todos. Dela se podem extrair os meios para conformar com a moral de Cristo o respetivo proceder. As instruções que provêm dos Espíritos são verdadeiramente as *vozes do Céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à *prática do Evangelho*.»

*O Evangelho segundo o Espiritismo*, publicado em 1864, é considerado a terceira obra da Doutrina Espírita fundada por Allan Kardec.

Através das mensagens dos Espíritos superiores recebidas mediunicamente, este livro explica-nos o legado moral deixado por Jesus, tentando deste modo esclarecer muitos dos males que assombram a humanidade.

Já publicados:



**nascente**  
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8843-79-1



9 789898 843791

Espiritismo